

## «Saga» não «Zaga»

---

### Alguns comentários a propósito

O motivo que me levou a escrever estas breves notas foi a frequência com que se vê empregue nos periódicos desportivos a palavra *zaga* e o respectivo derivado *zagueiro*. Designam ambas os jogadores da bola que se encontram na defesa, isto é, atrás dos encarregados do ataque; costumam ser designados pelo anglicismo *backs* que, na respectiva língua, tem perfeitamente a ideia dessa situação. *Zaga* e *zagueiro* empregam-se há pouco tempo. São de origem espanhola e como tiveram um correspondente no antigo português, julgo que não deve repugnar preferi-lo a um estrangeirismo, neste caso felizmente em absoluto deslocado. A palavra do português arcaico correspondente era *çaga*. Significava a retaguarda dum exército em geral, apesar de na 2.ª edição do *Elucidário* de Viterbo os anotadores dizerem em nota que «azaga e azaria à vista dos foráes referidos pelo auctor, e até do de Coimbra pelo Conde D. Henrique, ainda não é claro se era a mesma cousa, e a sua significação».

Deriva do árabe شَاقِع (ṣāqī), retaguarda dum exército<sup>1</sup>. Segundo diz Ibn-Caldúne foi o califa Abd-el-Meleque quem eriou um corpo armado encarregado de reunir os retardatários e impedir-lhos de ficar para trás quando o exército se punha em marcha. É a esse corpo que o escritor árabe chama شَاقِع<sup>2</sup>.

A palavra passou às línguas da Península. No *Poema del Cid* consegui atestá-la nos seguintes passos:

E yo con los ciento aquí fincaré en la *çaga*. (v. 449).

Fazedme mandado muy privado a la *çaga*. (v. 452).

E los que con mio Cid ficarán en la *çaga*. (v. 455).

non sosa ninguno dar salto a la *çaga*. (v. 483)<sup>3</sup>.

No português arcaico o seu emprêgo foi larguissimo. Eis alguns casos: «...seeriam logo com el a ferir na *çaga* daquelas que com el lidarem», *Script.*, p. 186; «...e ha huma queria entrar pela costa das montanhas, pera darem na *çaga*...», idem, idem; «Alcarac

<sup>1</sup> Seusa não menciona o vocábulo.

<sup>2</sup> *Prolegómenos*, II, p. 69.

<sup>3</sup> Na edição de Menéndez Pidal.

ficou na *çaga* com dous mil caualeiros...», idem, p. 188; «Asi foy defendendo sua *çaga* que todos os que se colherom á az do coral forom en saluo...», idem, idem; «filha os ramaes dianteiros e legao traz o çanco e filha os ramos da *çaga* e legaos deante contra a ponta do pé, em cruz», *Livro de Falcoaria de Pero Menino*<sup>1</sup>, pp. 38–39. Uma das prerrogativas reais aos cavaleiros vilões (*milites*) era isentá-los de serviços na *çaga* e admiti-los na vanguarda. Essas prerrogativas vêm nas *Leges et Consuetudines* e foram concedidas a Pombal (1174)<sup>2</sup>, Santarém (1179)<sup>3</sup>, Lisboa (1179)<sup>4</sup>, Almada (1190)<sup>5</sup>, Aleuquer (1212)<sup>6</sup>, Torres Vedras (1250)<sup>7</sup>, Beja (1254)<sup>8</sup>, Odemira (1255)<sup>9</sup>, Monforte (1257)<sup>10</sup>, Estremoz (1258)<sup>11</sup>, Silves (1266)<sup>12</sup>, Aguiar (1269)<sup>13</sup>, Vila Viçosa (1270)<sup>14</sup>, Évora Monte (1271)<sup>15</sup>, Castro Marim (1277)<sup>16</sup>, etc.

<sup>1</sup> Publicado pelo prof. Dr. Rodrigues Lapa. 1931. Coimbra.

<sup>2</sup> «...de preda de fossado non detis nisi ad *zaganum* duas partes et nobis remaneant due. Et de azaria et de tota illa caualgada in qua non fuerit rex nobis quintam partem nobis quatuor parte absque ulla alkaidarias». *Leges*, I, p. 398.

<sup>3</sup> «Milites de Sanctaren non teneant *zaganum* et teneant deanteira in exercitu regis», id., p. 409.

<sup>4</sup> «*De zagi militum in exercitu regis*. Milites ulixbone non teneant *zaganum* in exercitum regis», id., p. 415; na versão: «Os caualeyros de lisbôa nom tenham *çaga* na batalha delrey», id., id.

<sup>5</sup> «Caualeyros dalmâdaa nom tenham *zagi* em eyimento delrey ou em oste», id., p. 476.

<sup>6</sup> «Milites de Alanquer non teneant *zaganum* in exercitus», id., p. 561.

<sup>7</sup> «Milites de turibus ueteribus non teneant *zaganum* in exercitu rregis», id., p. 635.

<sup>8</sup> «Milites de Begia non teneant *zaganum* et teneant deanteyram in exercitu Regis», id., p. 643; na versão romântica: «Caualeiros de beja nom tenham *çaga* mais tenham deanteira em caualgada delrey», id., id.

<sup>9</sup> «Milites de Vdymira non teneant *zaganum* et teneant deanteyra in exercitu Regis», id., p. 665.

<sup>10</sup> «Milites de Monte forti non teneant *zaganum* et teneant deanteyram in exercitu regis», id., p. 671.

<sup>11</sup> «Milites de Stremoz non teneant *zaganum*, et deanteyram teneant in exercitum regis», id., p. 682; na versão: «Caualeiros destremoz nom tenham *çaga* e tenham a deanteira na hoste delrey», id., id.

<sup>12</sup> «Milites de Silue non teneant *zaganum* in exercitu regis», id., p. 707.

<sup>13</sup> «Caualeiros daguiar nom tenham *çaga* e tenham deanteira no fossado do Senhor», id., p. 714.

<sup>14</sup> «Milites de villaniçosa non teneant *zaganum* et teneant deanteiram in exercitu Regis», id., p. 718.

<sup>15</sup> «Milites ipsius ville (Evora Monte) nou teneant *zaganum*, sed teneant deanteyram in exercitu Regis», id., p. 723.

<sup>16</sup> «Milites de Castromarim nou teneant *zaganum* in exercitu regis», id., p. 735.

As formas mais usuais são *çaga* e *zaga*. O *ç* e o *z* tinham valor fonético próximo por isso nos documentos alternam<sup>1</sup>. Mais raramente também aparece outra variante acompanhada pelo artigo arábico: *azaga*; no foral de Soure datado de 1111, ocorre no seguinte passo: «...de preda de fossato non detis nobis plusquam quintam partem et *azaga* duas partes uobis remaneant duas. Et de azaria nobis quintam partem...» e na respectiva versão romance: «E da *azaga* duas partes a uos fiquem e da azaria a nos dade a quinta parte», *Leges*, p. 357<sup>2</sup>.

Os escritores modernos, principalmente os românticos, quando se ocupavam da nossa Idade-Média, para darem às suas descrições um sabor mais do tempo que pretendiam mostrar ao leitor, não tinham dúvidas, em muitos casos, em empregar o vocabulário de então. *Çaga* também não lhes passou despercebido. Vejamos alguns exemplos: «Eu voto a tal, não lhe vou em *çaga*», Arnaldo Gama, *Última Dona de S. Nicolau*, p. 135; «Se alguém receia que se fique dormindo na *çaga* como peão poltranaz!», Rui Chianca, *Ressurreições*, p. 24. Alexandre Herculano (*Bobo*, p. 204) também a não podia ter esquecido: «...nunca vi esculcas para vigiarem *sagas* de mesnada ou barbaçans de castello». Cândido de Figueiredo na 4.<sup>a</sup> edição do seu *Novo Dicionário* cita este passo, mas não o faz devidamente: 1.<sup>o</sup>—esqueceu a palavra *lançar*; 2.<sup>o</sup>—atribui a *çaga* (*saga*) a significação de «saio, hábito guerreiro»; 3.<sup>o</sup>—deriva-a do latim *saga*<sup>3</sup>. Viterbo no seu *Elucidario*, s. v. *Adail*, pretende, infun-

<sup>1</sup> Cf. as notas anteriores e ainda estes exemplos que julgo característicos, «e ho mestre como sobe que era fóra alçouze loguo de sobre paderna...», *Serpt.*, p. 418, cl. 2, e o composto *cixalçar*: «...o seu senhorio seeria muy cixalçado e hórrado...», *Crest.*, p. 102; «Tod'ome que se alzare a la carta...», *Leges*, p. 853.

<sup>2</sup> Este documento foi conhecido de VITERBO que no seu *Elucidario*, s. v. *azaga*, transcreve o presente passo. Não o fez devidamente porque leu *azaga* em vez de *azaga*. JOÃO PEDRO RIBEIRO (*Dissert.*, II, p. 233) transcreveu-o também, mas leu já *azaga*. Tive ocasião de o ler na *Chancelaria de Afonso II*. Vem na fl. xi, v., cl. 2. O passo é como segue: «In primis ut non faciatis nobis nunquam senaram. Et de preda de fossato non detis nobis plusquam quintam partem et *azaga*, duas partes, uobis remaneant duas. Et de azaria nobis. quintam partem...». O documento foi mandado fazer pelo Conde D. Henrique. É datado de Junho de 1111. Foi confirmado por D. Afonso II em Dezembro de 1217 (*Chanc. Af. II*, fl. xii, r., cl. 1.). Na cópia posterior da *Chancelaria* os documentos citados ocorrem nas fls. 1, r., cl. 2. e fl. 1, v., cl. 1., respectivamente.

<sup>3</sup> O latim *saga* julgo que deve estar no português *sata*. Tal como no francês *sate* a forma plural neutra de *sagum* foi tomada por um feminino; desta resultante se derivaram aquelas formas romances. Em português existe ainda *saga*

dadamente, relacionar esta última palavra com *çaga*. Ainda mais condenável é insistir com a grafia *zaga*, como faz o padre lexicógrafo, visto que a forma vernácula é com *ç*. Essa insistência levaria um estudioso distraído ou ignorante a pensar que a pronúncia do fonema inicial seria idêntico ao *z* moderno o que não é verdade; demais confronte-se em primeiro lugar as variantes que as duas letras apresentam no mesmo vocábulo; em segundo lugar a maior freqüência do *ç* em textos romances o que parece provar que era o seu som correspondente o que estava mais próximo da pronúncia vulgar. Como contaminação também aparecia, embora mais raramente, nos de *Latim Bárbaro*. Para verificar o que acabo de dizer confronte-se nos passos que mais acima transcrevi em notas as formas com *ç* nos forais de Tôrres Vedras, Beja, Estremoz, Silves, Aguiar, etc.; com *z* nos de Pombal, Santarém, Lisboa, Almada, etc. No que diz respeito à significação do vocábulo Viterbo afirma que *zaga* era o que «ia sempre na vanguarda» e liga esta palavra com «*Caguão* o pequeno atrio cuberto, ou pateo, que estava diante e á frente das casas». *Caguão*, ou *Saguão*, nada tem que ver com *çaga*, ou *saga*; esta palavra é, como disse, em árabe ﺗـ (çāea), *saguão* deriva de اسـطـران (Uṣṭuane), árabe vulgar سـطـران (gatnāne), pátio.

O termo *çaga* foi suprimido na técnica militar portuguesa no tempo de D. Fernando; com a vinda dos militares ingleses as designações das partes do exército alteraram-se. Dão notícia disso Fernão Lopes<sup>1</sup>

para designar uma canção bélica escandinava. Julgo-a relacionada com o gótico *sagguos*. Cf. UNTERBECK, *Etyml. Wörbd. der Got. Sprech.*, s. v. *saggues*.

<sup>1</sup> Crônica de D. João I, part. II, cap. 32. A propósito de Fernão Lopes e do vocabulário que motivou estas notas devo dizer o seguinte: por indicação do Dicionário de Moraes (s. v.) soube que na parte II, capítulo XXXII da Crônica de D. João I ocorria a palavra *saga* (*sic*). A edição dessa que mais confiança me merece é a de Braamcamp Freire que infelizmente não conseguiu publicar a segunda parte onde o vocabulário ocorre. A chamada edição dos Clássicos nenhuma confiança me merece. Consultei então uma de 1644 que existe nas bibliotecas da Academia das Ciências e da Torre do Tombo. No capítulo indicado não me apareceu o vocabulário, porém há um passo onde, em minha opinião, em consequência do sentido, ele devia estar. O passo é este: «... antiguamente em Portugal nom nomeauem nas batalhas a vanguarda, nem a reguarda, nem ala direita, nem esquerda, mas chamauão á vanguarda dianteira, & á reguarda catua, & ás alas costaneiras, & depois que os Ingresos vieron em tēpo Del Rey Dō Fernando: como ouuistes, entô lhe chamarom estes nomes». *Catua* embarcaou-me. Cheguei a consultar alguns dicionários à procura de indicações. Para descargo de consciência informei-me e soube da existência na Torre do Tombo dum manuscrito

e, baseado neste, Severim de Faria<sup>1</sup>. Gama Barros na sua *História da Administração Pública* também se refere a esta reforma<sup>2</sup>.

Os tempos correram. Chegou-se ao século XVI e o vocáculo, cuja memória ainda não se apagara apesar da reforma que acabo de apontar, para se tornar ainda mais claro, recebeu a partícula reforçativa *re-*. Parece que, só em certos casos, com a adição desta partícula também se alargou o sentido primitivo da palavra. Passou esta a designar a situação em que qualquer pessoa ou cousa se encontra quando é das últimas das que vão atrás. Para boa exemplificação julgo suficientemente esclarecedor este passo de Fernão Mendes Pinto: «*Detras de tudo isto* vem o Chaem assentado num carro triunfal, & derredor delle vem sessenta cõchalaas, & chãbins, & monteos da justiça, que saõ como entre nos os desembargadores, & chançareis, & corregedores, os quais todos vaõ a pé com seus trecados de chaparia douro ás costas, & os ministros mais baixos que estes, como saõ escrivães, contadores, meirinhos, & enquereidores, vão diânte de todo este tumulto, dando grandes brados para que a gente do povo se recolha para suas casas, porque fique a rua despejada sem aparecer pessoa viva, & *na reçaga de todo este estado*, vem os requerentes & solicitadores, tambem a pé»<sup>3</sup>. O século XVI foi o século dos descobrimentos. As esquadras portuguesas cruzavam os mares levando a todos os cantos do mundo recém-achados o

---

da citada *Crónica*. Corri a consultá-lo. O manuscrito tem no ante-rosto a indicação de que foi copiado por Álvaro do Couto (?) de Vasconcelos. A letra é do século XVI. Procurei o citado passo que aí tal é: «...antigamente em Portugall não nomeauão nas batalhas. A vanguarda nem Regoarda. Nem alla Dereyta Nem esquerda mas chamauaão a vanguarda Dianteyra E a Regoarda gagua. E a las allas costaneyras. E Depois que os lugrezes vyeraão em tempo DelRey Dom Fernando como ouujistes Entaõ lhe chamaram estes nomes». Quer dizer: Na edição de 1644 da *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes no capítulo 32 da parte II, onde se lê *catus leia-se gagua*. O copista não soube ler. Não se julgue, porém, que considero a leitura desse ms. como fiel. Não. Além de ser um pouco posterior ao original, deve ter alguns *lapsus calami* ou alterações propositadas. Agora o que me parece é mais digno de confiança esse ms. do que qualquer outro posterior e ainda mais do que as edições em letra redonda.

<sup>1</sup> «...se dividia o Exército, para para poder marchar, em vanguarda, retaguarda, e alas; os quaes nomes se introduziraõ neste Reyno em tempo delRey D. Fernando, e se tomaraõ dos Ingleses, que cá vieraõ com o Conde de Cambris; porque antes se chamavaõ Dianteyra, Saga, e Costaneirass: *Notícias de Portugal*. Em nota cita Fernão Lopes no passo acima transcrito.

<sup>2</sup> Vol. I, p. 585, onde hesita com a *catus* a que acrescenta «(gaga?)».

<sup>3</sup> *Peregrinação*, capítulo cvi; vol. IV, p. 46.

conhecimento e o poderio do nosso país. A actividade bélica deixou de ser quase que exclusivamente terrestre como até ai, para ser também marítima. Antes *çaga* significava, como vimos, *retaguarda do exército; reçaga* passou a empregar-se na designação da retaguarda das esquadras, embora o sentido primitivo não se perdesse como se pode verificar no passo acima transcritto em que a palavra de que estou tratando nos aparece num sentido absolutamente terrestre. Na *Década X* de Diogo do Couto (cap. vi, p. 300)<sup>1</sup> aparece-nos referindo-se a assuntos marítimos: «Presumio-se que estes navios seriam da *reçaga* dos trinta Galeoës que neste tempo foram a saquear Santo Domingo». Morais no seu *Dicionario* (s. v., 2.<sup>a</sup> edição) cita ainda este passo de Damião de Goes que não consegui localizar na sua *Crónica de El-Rei D. Manuel* e que também confirma o que acabo de dizer: «hindio elles adiante, e nossa frota em *reçaga*».

Tudo isto, em minha opinião, constitui prova cabal para poder afirmar que é inútil utilizar-se o castelhanismo *zaga* porque existiu em português um vocábulo cujo emprêgo é preferível; observe-se porém que *saga* deve ser a forma gráfica hodierna; *çaga*, apesar de constituir a vernácula como acima disse, deve ser posta de parte porque a Reforma Ortográfica proscreveu os çç iniciais: *çaloio*, *çapato* escrevem-se *saloiô* e *sapato*, embora o rigor científico preconizasse a primeira grafia. Como a Reforma Ortográfica expulsou o ç inicial em benefício do s seria racional exigir, à luz da razão e igualmente da ciência, também uma alteração nos casos em que o ç nos aparece em posição média para haver acordo na transcrição dos mesmos fonemas. A razão de ser desses çç é a mesma dos iniciais. Sucedeu isto particularmente nos vocábulos de origem árabea: *açoute*, *açougue*, *açude*, *alicerce* (arc. *alicece*), etc.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Edição de 1788.

<sup>2</sup> *Alicerce* aparece ainda sob a forma *alicece* em LUCENA, *Vida de S. Francisco Xavier*, liv. 2.<sup>a</sup>, cap. vi: «Quasi toda a fábrica se tornou a fazer, e o mais lustroso he a igreja do Apostolo sam Paulo, em cujos *aliceces* no mesmo dia de sua conuersam lançou a primeira pedra com as solenidades custumadas»; em GIL VICENTE ocorre neste passo: «E farey a torre da see assi grande como he/ per graça da sua clima que tenha o *alicesse* ao peo, e as ameas em cimo». *Exort. da Guerra* (fl. clvii, r); «Primeiro se fechem as abobadas, do que se abram os *alicesses*»? VIEIRA, *Sermões*, tómo 12, p. 2. O r de *alicerce* é mais um caso da epentese do r junto de certos fonemas; os exemplos d'este fenômeno são

**Obras consultadas para «Saga»**

- J. B. BELOT, *Vocabulaire Arabe-Français*, 3.<sup>a</sup> ed., 1893, Beirute.
- RUI CHIANCA, *Ressurreições (Narrativas Históricas)*, 1915, Lisboa.
- A. A. CORTESÃO, *Subsídios para um Dicionário Completo (Histórico-Etymológico) da Língua Portuguesa*, 1900, Coimbra.
- DIogo do Couto, *Décadas*, 1788, Lisboa.
- ARNALDO GAMA, *A Última Dona de S. Nicolau*, 1923, Pôrto.
- GAMA BARROS, *História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV*, 1885, Lisboa.
- DAMIÃO DE GOES, *Crónica de el-rei D. Manuel*. Edição revista por Joaquim de Carvalho e David Lopes, 1926, Coimbra.
- ALEXANDRE HERCULANO, *O Bobo*, 11.<sup>a</sup> ed., s. d., Lisboa.—*História de Portugal*, 8.<sup>a</sup> ed., s. d., Lisboa.
- IBN-CALDÚNE, *Prélégomènes Historiques*. 3 vols. São os vols. N.<sup>o</sup> 19, 20 e 21 das *Notices et Extraits des Manuscrits de la Bibliothèque Impériale et Autres Bibliothèques publiés par l'Institut Impérial de France*, 1868, Paris.
- DAVID LOPES, «Toponímia árabe de Portugal», in *Revista Lusitana*, vol. xxiv, pp. 257-273, 1922, Lisboa.
- FERNÃO LOPES, *Chronica de D. João I*, 1644, Lisboa.—Ms. quinhentista da Torre do Tombo.
- LUCENA, *Vida de S. Francisco Xavier*, 1788, Lisboa.
- FERNÃO MENDES PINTO, *Peregrinação*, 7 vols. 1930-31, Vila Nova de Gaia.
- RAMÓN MENÉNDEZ PIDAL, *El Cantar de Mio Cid*, 1905-11, Madrid.
- ANTENOR NASCENTES, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 1932, Rio de Janeiro.
- JOSÉ JOAQUIM NUNES, *Crestomatia Arcaica*, 2.<sup>a</sup> ed., 1921, Lisboa.
- PORTUGALIAE MONUMENTA HISTORICA: *Scriptores. Diplomata et Chartae. Leyes et Consuetudines. Inquisitiones*.
- JOÃO PEDRO RIBEIRO, *Dissertações Chronologicas e Críticas*, 1860, Lisboa.
- MANUEL RODRIGUES LAPA, *Livro de Falcoaria de Pero Menino*, publicado por... 1931, Coimbra.

muitos. Um dos mais conhecidos é estréla em que muitos estudosos ainda hoje infelizmente teimam em ver a influência de *astro*. Possivelmente também querem ver este último vocábulo como o agente causador dos *rr* de *alicerce*, *Gibraltar*, *mastro*, *Murça*, *Arzila* e dos populares: *Celestre*, *listra*, *bonecro*, *chefre*, etc. Cf. a propósito DAVID LOPES, *Toponímia Árabe de Portugal*, in *Revista Lusitana*, xxiv, p. 271. CORTESÃO (*Subsídios*, s. v. *alicerce*) ainda afirma que «os étymos propostos pelos nossos dicionaristas não justificam phoneticamente esta graphia; daria antes *alissesse*. A fórmula que mais se approxima desta etymol. é o antiq. *alicessse*. Todavia o hisp. *alizace* (do ár. *aliqa*) parece antes justificar a graphia *alicerce*. Mas escrevia-se em 1900, portanto há bons 37 anos. Como fenômeno antagónico cf.: «Atada fica a *canasta*», GIL VICENTE, *Romagem* (fl. cxxxvii, v), onde *canasta* está por *canastru*; este vocábulo vem do grego *κανάστρο*, pelo lat. *canistru*.

- MANUEL SEVERIM DE FARIA, *Notícias de Portugal*, 1740, Lisboa.  
Fr. JOÃO DE SOUSA, *Vestígios da Língua Árabea em Portugal*, 2.ª ed. aumentada  
e anotada por Fr. José de Santo António Moura, 1830, Lisboa.  
C. C. UHLEXBECK, *Kurzgefasstes Etymologisches Wörterbuch*, 2.ª ed., 1900, Amsterdão.  
GIL VICENTE, *Obras Completas*. Reimpressão «Fac-similada» da edição de 1562,  
1928, Lisboa.  
Frei JOAQUIM DE SANTA ROSA DE VITERBO, *Elucidário das Palavras, Termos e  
Frases que em Portugal antigamente se usaram*, 2.ª ed., 1865, Lisboa.

Lisboa, Março de 1937.

JOSÉ PEDRO MACHADO.